

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUAS DE SINAIS

EXPERIÊNCIAS, FORMAÇÃO E DESAFIOS ENTRE BRASIL E ANGOLA



Capacitação para Tradutores e
Intérpretes da Língua Gestual Angolana



Prof. Dr. Neemias G. Santana
(UnB/CNPq)



CONHECIMENTO



FORMAÇÃO



COLABORAÇÃO



ACESSIBILIDADE



INCLUSÃO



DUAS NAÇÕES, UMA MISSÃO:
GARANTIR **ACESSIBILIDADE E DIREITOS.**

Libras: Processo Anafórico e Dêiticos

Instrumentos Interpretativos e Tradutórios



OBJETIVOS DO ENCONTRO



1

Compreender os Processos Anafóricos e Dêiticos como princípios linguísticos das Línguas de Sinais – Libras - LGA



2

Conceituar e diferenciar tais processos;



3

Reconhecer esses processos em sentenças e discursos;



4

Exercitar o uso de tais processos através de práticas tradutórias.



LÍNGUA DE SINAIS É ESPAÇO. SIGNIFICADO É RELAÇÃO.

Referenciar é construir sentido no aqui e agora do discurso.



Elementos de uma Competência Tradutória



- **A competência comunicativa e textual** em pelo menos duas línguas e culturas – Habilidades passivas e ativas nos dois idiomas envolvidos; consciência da textualidade e discurso, textual e convenções discursivas.



- **Competência cultural e intercultural** – Não só o conhecimento enciclopédico de História, Geografia, instituições e assim por diante das culturas envolvidas (incluindo o tradutor do próprio), mas também e, mais particularmente, valores, mitos, percepções, crenças, comportamentos e representações textuais destes. Sensibilização para questões intercultural e tradução como uma forma especial mesmo. (KELLY, 2010 apud NOGUEIRA, 2016, p. 89-90).



Traduzir não é apenas **converter palavras ou sinais**,
é mediar sentidos entre línguas, culturas e pessoas.



Elementos de uma Competência Tradutória

01



- **Bilíngue** – Está integrada por conhecimentos essencialmente operacionais, necessários para a comunicação em duas línguas: conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos textuais e léxico-gramaticais.

- Pragmáticos
- Sociolinguísticos
- Textuais
- Léxico-gramaticais



Libras/
LGA



Português

02



- **Extralinguística** – É composta por conhecimentos essencialmente declarativos sobre o mundo em geral e de âmbitos particulares, conhecimentos (bi)culturais e enciclopédicos.

- Mundo em geral
- Âmbitos particulares
- (Bi)culturais
- Enciclopédicos



03



- **Conhecimento sobre tradução** – Está integrada por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre os princípios que regem a tradução (unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados) sobre aspectos profissionais (tipo de tarefa e de destinatário), comunidade interpretativa e patronagem.

- Princípios da tradução (unidade, problemas, processos, métodos e procedimentos)
- Aspectos profissionais (tipo de tarefa e de destinatário)
- Comunidade interpretativa
- Patronagem



LÍNGUAS
E CULTURAS



CONHECIMENTO



MEDIAÇÃO



ACESSIBILIDADE



INCLUSÃO

Traduzir é construir pontes
entre línguas, culturas e pessoas.



Elementos de uma Competência Tradutória

01



Competência Psicofisiológica ou Competência Atitudinal

Autoconhecimento, autoconfiança, atenção/concentração, memória, iniciativa.



AUTOCONHECIMENTO



AUTOCONFIANÇA



ATENÇÃO /
CONCENTRAÇÃO



MEMÓRIA



INICIATIVA



02



Competência Interpessoal

Habilidade para trabalhar com outros profissionais envolvidos no processo de tradução (tradutores, revisores, pesquisadores documentais, terminologistas, gerentes de projeto), e outros atores (clientes, autores, usuários, especialistas da área de assunto).

O trabalho em equipe, habilidades de negociação, habilidades de liderança.



TRABALHO
EM EQUIPE



NEGOCIAÇÃO



LIDERANÇA



COMUNICAÇÃO
EFETIVA



COLABORAÇÃO



RESPEITO E
EMPATIA



TRADUZIR É MEDIAR
SIGNIFICADOS,
CONECTAR CULTURAS,
TRANSFORMAR REALIDADES.



Elementos de uma Competência Tradutória

01 Competência Estratégica

Capacidade de organização e planejamento. Identificação de problemas e resolução deles, monitoramento, auto-avaliação, revisão e atualização.



02 Competência Tradutória (CT)

Possibilidade para um indivíduo, de mobilizar de maneira interiorizada um conjunto integrado de recursos em vista a envolver uma família de situações-problema. Ou ainda, mobilizar recursos internos e/ou externos para a realização da atividade tradutória ou interpretativa (NOGUEIRA, 2016, p. 49)



Planejar, decidir, agir, avaliar e aprender continuamente para traduzir/interpretar com **qualidade e ética**.



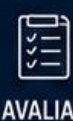
REFLETIR



DECIDIR



AGIR



AVALIAR



APRENDER

**Traduzir é mobilizar competências.
Interpretar é conectar mundos.**



Formas Pronominais de Pessoas na Libras e na LGA

Liddell (2003) segue as ideias de Meier e descreve o sistema de formas pronominais da ASL. A notação descritiva criada e usada por Liddell mostra a diferença entre as formas de primeira pessoa e as de não-primeira pessoa.

A principal diferença entre essas duas formas, portanto, é o fato de os pronomes de primeira pessoa apontarem necessariamente para o corpo do sinalizador, enquanto os sinais de não-primeira pessoa apontam para algum lugar, fora do corpo do sinalizador. No discurso, esse lugar vai ser associado à conceitualização ou do enunciatário ou de uma terceira pessoa.



PRIMEIRA PESSOA



EU



Referência obrigatória
ao corpo do sinalizador

Centro dêitico

EXEMPLOS



ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO E REFERÊNCIA



NÃO-PRIMEIRA PESSOA



APONTAMENTO
NO ESPAÇO

VOCÊ

ELE/ELA

OUTRO



Referência a lugares no espaço de sinalização
associados a interlocutores ou a terceiros
no discurso.

EXEMPLOS

VOCÊ



ELE/ELA



OUTRO



Os pronomes nas línguas de sinais são formas dêiticas que se constroem no espaço e no discurso.

**“ Nas línguas de sinais,
o espaço também produz significado. ”**



Libras e LGA, assim como outras línguas de sinais, utilizam o espaço para organizar referências e estabelecer relações interpessoais e discursivas.

Pronomes Pessoais em Uso de Narrativas



1 CONTEXTO ENUNCIVO NARRAÇÃO DA HISTÓRIA



A história é contada em terceira pessoa.

ELE/ELA FEZ...



Os pronomes referem-se a entidades **sub-rogadas** no espaço da narrativa.

Nas narrativas, os pronomes pessoais usados estão sempre apontando entidades sub-rogadas.

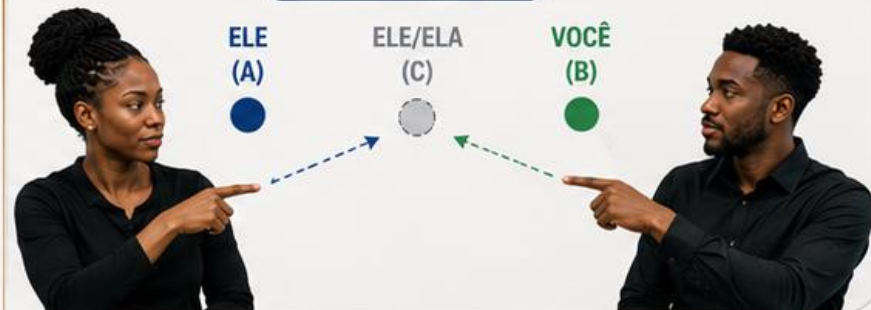
A narrativa apresenta basicamente dois contextos: o enuncivo, que se refere à narração da história (a narrativa é contada em terceira pessoa), e os enunciativos, que são os representados pelos discursos diretos ocorridos ao longo de toda a história. Nos diálogos, há sempre uma simulação da enunciação e uma representação também de um espaço, o espaço sub-rogado. Nesse espaço é instaurado alternadamente o ponto de vista do interlocutor e do interlocutário. As personagens da história que habitam esses espaços também podem, como as entidades do espaço real, apontar para locais a sua direita ou a sua esquerda ou ao redor de seu corpo, para se referir a personagens que não estejam presentes naquele momento enunciativo.

2 OS ENUNCIATIVOS: ESPAÇO SUB-ROGADO SIMULAÇÃO DA ENUNCIÇÃO E ALTERNÂNCIA DE PONTOS DE VISTA

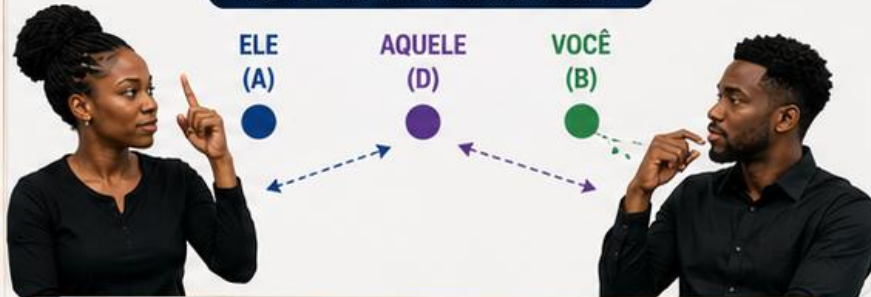


3 DISCURSO DIRETO EM LÍNGUA DE SINAIS DIÁLOGOS E REFERENCIAÇÃO ESPACIAL

CENA 1 – DIÁLOGO



CENA 2 – OUTRO MOMENTO DO DIÁLOGO



As personagens podem apontar para locais à direita, à esquerda ou ao redor do corpo para referir-se a outras personagens que não estejam presentes naquele momento enunciativo.



PRONOMES PESSOAIS NAS NARRATIVAS SEMPRE APONTAM ENTIDADES SUB-ROGADAS.

Não se referem ao corpo do sinalizador no contexto narrativo.

ELEMENTOS-CHAVE



NARRAÇÃO
(3ª PESSOA)



DISCURSOS
DIRETOS



SIMULAÇÃO DA
ENUNCIÇÃO



ESPAÇO
SUB-ROGADO



ALTERNÂNCIA DE
PONTOS DE VISTA



PERSONAGENS
SUB-ROGADAS



Narrar em língua de sinais é construir personagens no espaço discursivo.



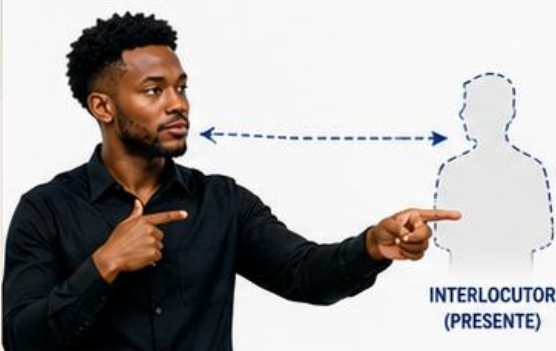
Dêiticos e Anaforismo em Libras

As línguas possuem, além dos dêiticos, outros elementos linguísticos que também se referem à pessoa, ao espaço e ao tempo, que são os chamados elementos anafóricos.

Fiorin (2002a: 55) distingue os signos dêiticos dos anafóricos, dizendo que os primeiros procuram sua referência na situação de enunciação, "seja ela pressuposta, seja ela explicitada no texto pelo narrador". Os anafóricos, por sua vez, são entendidos em função de participantes que já foram mencionados no discurso e de marcas espaciais e temporais que aparecem no enunciado. Isso quer dizer que esses elementos procuram sua referência, não na situação, mas em um antecedente, que aparece no próprio enunciado.

1 DÊITICOS

Referência na situação de enunciação



 **EU**
(1ª pessoa)

 **VOCÊ**
(2ª pessoa)

 **AQUI**
(espaço)

 **AGORA**
(tempo)

INTERLOCUTOR
(PRESENTE)

Os dêiticos procuram sua referência na **situação de enunciação**.

ELEMENTOS DA SITUAÇÃO DE ENUNCIÇÃO

 **PESSOA**
Participantes presentes na interação.

 **ESPAÇO**
Locais reais a a redor do sinalizador.

 **TEMPO**
Momento da fala: agora, hoje, etc.

COMPARAÇÃO: DÊITICOS × ANAFÓRICOS

DÊITICOS (dêixis)		ANAFÓRICOS (anaforismo)
Referência na situação de enunciação.	 REFERÊNCIA	Referência em um antecedente do enunciado.
Dependem da situação (contexto).	 FONTE	Dependem do que já foi dito (texto/discurso).
Aqui, agora, eu, você, este(a), esse(a).	 EXEMPLOS	Ele, ela, aquele(a), isso, mesmo, tal, lá, então.
Espaço real e compartilhado.	 ESPAÇO	Espaço discursivo (sub-rogado).
Tempo da enunciação: agora, hoje, aqui.	 TEMPO	Marcas temporais já mencionadas no texto.
Apontam para o que está presente na interação.	 FUNÇÃO	Retomam e mantêm a coesão do discurso.

“ Os dêiticos procuram sua referência na situação de enunciação; os anafóricos procuram sua referência em um antecedente que aparece no próprio enunciado.

Fiorin (2002a: 55)

2 ANAFÓRICOS

Retomada de referentes no discurso

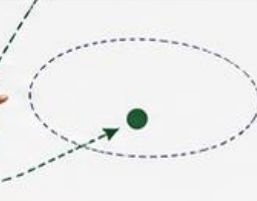
1. ANTECEDENTE NO DISCURSO

Narrador:
“João foi ao mercado.
Ele comprou frutas.”



2. RETOMADA ANAFÓRICA

Mais tarde, Maria disse:
“Ele vai cozinhar
esta noite.”



O pronome “ele” não aponta para alguém presente na situação, mas **retoma** João, já mencionado no discurso.

AS PERSONAGENS PODEM TAMBÉM APONTAR PARA LOCAIS PARA AO REDOR DO CORPO PARA REFERIR-SE A OUTRAS PERSONAGENS NÃO PRESENTES.



À ESQUERDA



À DIREITA



AO REDOR

PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NO DISCURSO



ENUNCIÇÃO
(SITUAÇÃO)



DÊITICOS
(REFERÊNCIA
SITUACIONAL)



DISCURSO
(TEXTUALIZAÇÃO)



ANAFÓRICOS
(RETOMADA DE
ANTECEDENTES)



COESÃO E CONTINUIDADE
DO DISCURSO

“ Não é a situação que define o anafórico, mas o texto que cria as condições para sua interpretação.

Fiorin (2002a)

Processo Anafórico na Libras



Processo Anafórico, Anaforismo, **Shifting** ou **Role-Play**, é o recurso da Língua de Sinais que possibilita ao narrador, através de mudança de postura corporal, incorporar diferentes personagens de uma narrativa.



Para o intérprete, em um discurso conversacional quando existe a troca de mensagens entre dois ou mais usuários, é importante o domínio da técnica do anaforismo. Porém, este recurso exige excelente capacitação para assumir diferentes corporeidades em um único setting de tradução.



Todos os objetos imaginados e criados nos campos anafóricos (**construção tátil**) e processos anafóricos (**shifting** ou **role-play**) exigem um poder de concentração extremo para serem utilizados e mantidos nos lugares corretos, para que os surdos compreendam claramente os textos e a relação entre esses personagens.

O NARRADOR INCORPORA PERSONAGENS

através da mudança de postura corporal, expressão facial e orientação no espaço de sinalização.

MUDANÇA DE EIXO CORPORAL E INCORPORAÇÃO



O PROCESSO ANAFÓRICO ENVOLVE



O QUE EXIGE DO INTÉRPRETE



ESPAÇO DISCURSIVO DA NARRATIVA



Os personagens ocupam lugares específicos no espaço e são mantidos ao longo do discurso.

EXEMPLO DE NARRATIVA COM ROLE-PLAY / SHIFTING



O intérprete alterna entre personagens mantendo consistência espacial, temporal e referencial.



ANAFORISMO É MAIS QUE TRADUZIR, É CONSTRUIR MUNDOS NO ESPAÇO.



Favorece a coesão e a coerência do discurso narrativo.



Permite a construção de histórias ricas, claras e envolventes.



Garante a ligação entre personagens, ações, objetos e eventos.



Promove compreensão plena para o público surdo.

“

O sucesso do processo anafórico está na capacidade do intérprete de habitar diferentes corpos, sem perder de vista o espaço e o sentido da narrativa.

”



Processo Anafórico nas Línguas de Sinais



É a colocação do **sujeito ausente** na interpretação.

COLOCAÇÃO DOS SUJEITOS NO ESPAÇO DISCURSIVO



EXEMPLO DE ROLE-PLAY / SHIFTING



O objetivo é manter os **referentes claros e estáveis** para que o surdo compreenda a relação entre os personagens.



DICAS PARA PRODUZIR UM PROCESSO ANAFÓRICO

- 1 Colocar os sujeitos claramente.
- 2 Clareza e pontuação da história.
- 3 Movimentos definidos – colocação precisa dos 5 Parâmetros Fonológicos.
- 4 Ficar de frente para os surdos.
- 5 Organização da ideia – Sempre ter um referencial da ideia principal do texto.
- 6 Lag-Time (Tempo de Espera) – Ter sempre um tempo de espera para assim começar a interpretar.
- 7 Cuidado com a omissão de conteúdo, adição de conteúdo errado, substituição errada, intrusões e anomalias.

5 PARÂMETROS FONOLÓGICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS



LEMBRE-SE:

Um bom processo anafórico torna a narrativa visualmente clara, coerente e compreensível, respeitando a Gramática da Libras e a experiência dos surdos.



“ Clareza na colocação dos referentes, consistência no espaço e precisão nos movimentos são essenciais para uma **interpretação eficaz e acessível**. ”



Processo Anafórico nas Línguas de Sinais

O processo anafórico é o recurso da Língua de Sinais que permite ao sinalizante referir-se a sujeitos que podem estar presentes, ausentes ou já mencionados no discurso.



O sinalizante organiza os referentes no **espaço discursivo** para que os surdos compreendam claramente os personagens e suas relações.



IMPORTANTE

O referente pode ser mantido no **espaço discursivo** mesmo quando não está fisicamente presente.

O ESPAÇO DISCURSIVO ORGANIZA OS REFERENTES



OBJETIVO

Garantir clareza, coerência e coesão na narrativa para que os surdos compreendam a relação entre os sujeitos.



SUJEITOS NA LS: FORMAS DE REFERENCIAÇÃO

1 SUJEITO SINAL NOMINAL (SINAL)

- O sujeito é apresentado diretamente por um sinal que o nomeia.



EXEMPLO



“JOÃO chegou ontem.”

2 SUJEITO “PRÓ-FORMA” (CLASSIFICADOR)

- O sujeito é referenciado por meio de um classificador que representa sua forma, função ou movimento.



EXEMPLO



“CL:VEÍCULO parou aqui.”

3 SUJEITO “DÊITICO” (DÊITICOS)

- O sujeito é referenciado por meio de dêiticos, como apontar ou olhar.



EXEMPLO



“ELE foi ao mercado.”

4 SUJEITO “ANAFÓRICO” (“SER” O SUJEITO)

- O sujeito não é explicitado, mas está implícito no verbo ou na estrutura da frase.



EXEMPLO



“CHEGOU cansado.”
(Sujeito implícito)

Processo Anafórico na Línguas de Sinais



O processo anafórico permite manter os referentes no espaço discursivo e retomá-los ao longo da narrativa.

NARRATIVA EM PORTUGUÊS



Uma mulher estava tomando banho num rio e Ø ouviu um bebê chorando.



Ela nadou até o lugar de onde vinha o choro e Ø se surpreendeu ao ver que o bebê estava numa cesta que boiava no rio. Ele tinha sido abandonado.



A mulher, então, pegou-o para criar.



O bebê cresceu e se tornou uma moça linda e tímida, que sempre ajudava a mulher que a tinha criado nos trabalhos do campo.

ELEMENTOS DA NARRATIVA



MULHER
(Personagem 1)



BEBÊ
(Personagem 2)



MOÇA
(Personagem 3)

CONSTRUÇÃO DOS REFERENTES NO ESPAÇO DISCURSIVO

 **ENUNCIADOR**
(NARRADOR)

 **P1 = MULHER**

 **P2 = BEBÊ**

 **P3 = MOÇA**



ESPAÇO DISCURSIVO

P1

P2

P3

1 Uma mulher estava tomando banho num rio e Ø ouviu um bebê chorando.



P1
(MULHER)

2 Ela nadou até o lugar de onde vinha o choro e Ø se surpreendeu ao ver que o bebê estava numa cesta que boiava no rio.



P2
(BEBÊ)

3 Ele tinha sido abandonado.



P2
(BEBÊ)

4 A mulher, então, pegou-o para criar.



P1
(MULHER) → **P2**
(BEBÊ)

5 O bebê cresceu e se tornou uma moça linda e tímida,



P3
(MOÇA)

6 que sempre ajudava a mulher que a tinha criado nos trabalhos do campo.



P3
(MOÇA) → **P1**
(MULHER)

COMO FUNCIONA O PROCESSO ANAFÓRICO

Os referentes são colocados no espaço e retomados por meio de gazeamento, apontação, classificadores, pronomes e outros recursos anafóricos.



RECURSOS ANAFÓRICOS UTILIZADOS



OLHAR
(GAZEAMENTO)



APONTAR



CLASSIFICADORES
(CL)



PRONOMES
DÉITICOS



INCORPORAÇÃO
(SHIFTING/ROLE-PLAY)

IMPORTANTE

A manutenção dos referentes no espaço garante coesão, clareza e compreensão da narrativa para o usuário surdo.



Toda interação linguística envolve ainda um outro tipo de espaço mental, que é a conceitualização daquilo que queremos contar para nosso interlocutor. Esse espaço pode ser denominado **espaço do evento** (OAKLEY, 1998).



TIPOS DE ESPAÇOS MENTAIS



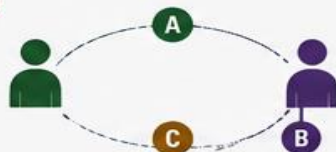
1. ESPAÇO FÍSICO

É o espaço real onde os interlocutores estão.



2. ESPAÇO DISCURSIVO

É o espaço construído na interação, onde os referentes são colocados e organizados.



3. ESPAÇO DO EVENTO

É o espaço mental da conceitualização do que queremos contar: os eventos, personagens, ações e cenários imaginados.



ESPAÇO DO EVENTO (OAKLEY, 1998)

É o mundo conceptualizado pelo enunciador e compartilhado com o interlocutor.



O espaço do evento é construído na mente do enunciador e expresso na língua de sinais por meio do uso do espaço, dos classificadores, dos papéis (role-play) e dos referentes anafóricos.

COMO OS ESPAÇOS SE RELACIONAM

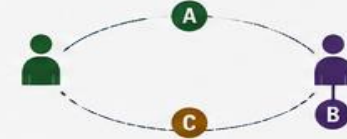
1. ESPAÇO FÍSICO

Interlocutores reais em um lugar real.



2. ESPAÇO DISCURSIVO

Construímos juntos um espaço linguístico onde colocamos e organizamos os referentes.



3. ESPAÇO DO EVENTO

Conceitualizamos os eventos que queremos comunicar e os projetamos no espaço discursivo para o interlocutor.



EXEMPLO NA NARRATIVA EM LIBRAS



Enunciador conceitualiza o evento



Organiza no espaço discursivo



Interlocutor compreende e reconstrói o evento

“ O espaço do evento permite que o interlocutor viaje com o enunciador para dentro da história, compreendendo não apenas as palavras, mas o **mundo** que está sendo construído. ”

A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO DO EVENTO

- ✓ Dá coerência e sentido à narrativa
- ✓ Permite manter os referentes ao longo do discurso
- ✓ Facilita a compreensão e a visualização dos eventos
- ✓ É fundamental para a coesão e a coesão referencial



Espaço token e o Espaço sub-rogado



A eles pertencem as **personagens**, os **objetos**, os **eventos**, o **tempo** e o **cenário** da história a ser contada.

1. ESPAÇO TOKEN (REAL)

É o espaço da interação real, onde o sinalizante e o interlocutor estão presentes.



Elementos do espaço token:



2. ESPAÇO SUB-ROGADO (DO EVENTO)

É o espaço mental criado pelo sinalizante para representar a história.

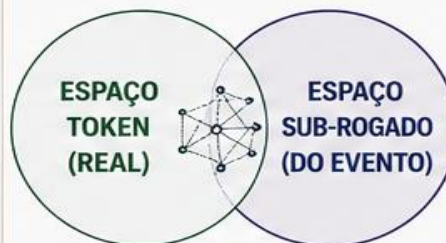


Elementos do espaço sub-rogado:



INTEGRAÇÃO CONCEITUAL

Fusão mental entre o espaço real e o espaço do evento.



ESPAÇOS CONCEITUAIS INTEGRADOS

Da integração surgem novos espaços que explicam fenômenos das línguas sinalizadas.



A integração conceitual do espaço real com o espaço do evento gera uma série de novos espaços conceituais que explicam vários fenômenos das línguas sinalizadas.



NOVOS ESPAÇOS CONCEITUAIS GERADOS



ESPAÇO DE REFERENCIAÇÃO

Permite lançar e retomar referentes (le=le-la, ele, etc.) no espaço.



ESPAÇO DE ROLE-PLAY (ANAFORISMO / SHIFTING)

Permite ao sinalizante assumir o papel de diferentes personagens.



ESPAÇO DE CLASSIFICADORES

Permite representar entidades por meio de classificadores no espaço.



ESPAÇO TEMPORAL

Permite organizar o tempo dos eventos (passado, presente, futuro) no espaço.



ESPAÇO DE CENÁRIO

Permite construir e localizar cenários onde os eventos da história acontecem.



EM RESUMO



- ✓ O espaço token é o espaço real da interação.
- ✓ O espaço sub-rogado é o espaço mental da história.
- ✓ A integração entre eles cria novos espaços conceituais.
- ✓ Esses espaços sustentam os processos linguísticos das línguas de sinais.

EXEMPLO NA NARRATIVA EM LIBRAS



ESPAÇO TOKEN (REAL)



ESPAÇO SUB-ROGADO (DO EVENTO)



ESPAÇOS CONCEITUAIS INTEGRADOS

O sinalizante navega entre os espaços para construir o sentido da narrativa.

POR QUE ISSO É IMPORTANTE?

- ✓ Explica como os sinais ganham referência e constroem significado.
- ✓ Fundamenta fenômenos como apontação, anaforismo, classificadores, role-play e linha do tempo.
- ✓ Revela a natureza espacial e visual das línguas sinalizadas.



Nesse tipo de integração, o corpo do sinalizador **não é parte do espaço mental resultante**.

Assim, em uma narrativa em que o sinalizador esteja comparando duas modalidades de esporte – futebol e voleibol, por exemplo – ele pode sinalizar **FUTEBOL** à sua direita e **VOLEIBOL** à sua esquerda. Prototipicamente, esses dois sinais são realizados à frente do corpo do sinalizador, mas ao localizar os sinais à sua **direita** e à sua **esquerda**, o sinalizador cria uma **integração conceitual** entre essas modalidades esportivas e os dois espaços ao lado de seu corpo: ele cria **dois tokens**, um para futebol e outro para voleibol. A partir daí, quando ele for mencionar futebol novamente, ele poderá fazer um gesto de apontamento para sua direita.

INTEGRAÇÃO CONCEITUAL NA NARRATIVA EM LIBRAS



ESPAÇO MENTAL RESULTANTE

O corpo do sinalizador não faz parte do espaço mental.



Dois espaços conceituais (tokens) são criados ao lado do sinalizador para representar cada modalidade esportiva.

CRIAÇÃO DOS TOKENS

O sinalizador localiza cada modalidade em um espaço ao lado do seu corpo.



EXEMPLO NA NARRATIVA

Sinaliza à direita:
FUTEBOL



Cria o token de
FUTEBOL à direita.

Sinaliza à esquerda:
VOLEIBOL



Cria o token de
VOLEIBOL à esquerda.

Menciona **FUTEBOL**
novamente.



Faz um gesto de
apontamento à direita.

GESTO DE APONTAMENTO

Para retomar um referente já estabelecido, o sinalizador aponta para o espaço correspondente.



RESUMO DO PROCESSO



Integração conceitual: o sinalizador relaciona os conceitos (esportes) aos espaços ao lado do seu corpo.



Criação de tokens: cada espaço lateral se torna um token que representa um conceito.



Recuperação referencial: o sinalizador retoma o referente apontando para o token correspondente.



A integração conceitual permite que os sinalizantes organizem os referentes no espaço e os retomem eficientemente, criando **clareza e coesão** na narrativa em Libras.

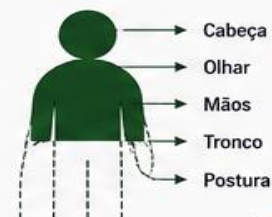


ESPAÇO SUB-ROGADO: INTEGRAÇÃO ENTRE CORPO E EVENTO

O espaço sub-rogado resulta da integração conceitual de partes do corpo do sinalizador – que pertencem ao **espaço real** – com entidades pertencentes ao **espaço do evento**. Por meio desse espaço mental, o [narrador] pode fazer referência às personagens da história e representar suas ações e atitudes valendo-se de diferentes posturas corporais, expressões faciais, movimentos do tronco, da cabeça etc. Os elementos desse **espaço sub-rogado** podem ser **visíveis** (quando manifestados pelo corpo do sinalizador), ou **invisíveis** (quando conceitualizados a partir do direcionamento de sinais ou do olhar do sinalizador).

INTEGRAÇÃO CONCEITUAL

ESPAÇO REAL (Corpo do sinalizador)



ESPAÇO DO EVENTO (Personagens, ações, objetos, cenário, tempo)



O narrador incorpora, representa e faz referência aos elementos da história por meio do corpo, do olhar e do espaço ao seu redor.

REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS E AÇÕES

O narrador incorpora diferentes personagens por meio de alterações corporais e faciais.



PERSONAGEM: PAI

- Corpo inclinado para frente
- Expressão séria
- Olhar para o chão



PERSONAGEM: MÃE

- Tronco levemente inclinado
- Expressão suave
- Olhar acolhedor



PERSONAGEM: FILHO

- Postura ereta
- Expressão curiosa
- Movimentos rápidos



PERSONAGEM: VILÃO

- Corpo projetado para frente
- Expressão tensa
- Olhar fixo e ameaçador

ELEMENTOS DO ESPAÇO SUB-ROGADO

VISÍVEIS (Manifestados pelo corpo)



AÇÃO: ABRIR PORTA

O movimento corporal representa a ação.



AÇÃO: CAMINHAR

O corpo se move para representar a ação.

INVISÍVEIS (Conceitualizados)



REFERENTE: CASA

Aponta para o espaço onde a casa está conceitualizada.



REFERENTE: PESSOA

O olhar direcionado ativa a personagem no espaço mental.

O QUE É O ESPAÇO SUB-ROGADO?

É o espaço mental resultante da integração entre partes do corpo do sinalizador (**espaço real**) e entidades do evento narrado (**espaço do evento**).

COMO FUNCIONA?



+



→



ESPAÇO SUB-ROGADO
(RESULTANTE DA INTEGRAÇÃO)

PARA QUE SERVE?

- ✓ Fazer referência às personagens.
- ✓ Representar ações e atitudes.
- ✓ Organizar a narrativa no espaço.
- ✓ Tornar visível ou manter invisível elementos da história.





- O menino entrou na sala escura **pé-ante-pé** para não fazer barulho, **caminhando agachado** para não ser visto pela **janela**.

Imaginemos agora que, ao produzir esse enunciado, o [narrador] curve seu tronco para frente como quando alguém se abaixa, mova levemente seu tronco para frente como quando alguém caminha lentamente, e faça uma expressão facial sorrateira, como a de quem está fazendo algo escondido.

Com seu corpo, o [narrador] está gestual e mimeticamente demonstrando as ações da personagem do menino. Esse é um exemplo de **ação construída**, em que o [narrador] age como um sub-rogado do [menino].



O NARRADOR INCORPORA AS AÇÕES DA PERSONAGEM



CURVA O TRONCO PARA FRENTE

como quando alguém se abaixa.



MOVE LEVEMENTE O TRONCO PARA FRENTE

como quando alguém caminha lentamente.



FAZ EXPRESSÃO FACIAL SORRATEIRA

como a de quem está fazendo algo escondido.



AÇÃO CONSTRUÍDA

O [narrador] age como um sub-rogado do [menino], representando suas ações por meio do corpo, expressões e movimentos.



No espaço sub-rogado, o corpo do sinalizador é usado para **representar personagens, ações e atitudes** da história, tornando a narrativa mais viva, expressiva e compreensível para o interlocutor.

O narrador não está apenas contando a história, ele está **vivendo-a com o corpo!**

TIPOS DE DISCURSO

Segundo Callow:1974:13 existem alguns tipos de discursos: Os quais os Intérpretes estão constantemente expostos.



- **Narrativo** – reconta uma série de eventos ordenados mais ou menos de forma cronológica;



- **Persuasivo** – objetiva influenciar a conduta de alguém;



- **Explicativo** – oferece informações requeridas em determinado contexto;



- **Argumentativo** – objetiva provar alguma coisa para a audiência;



- **Convencional** – envolve a conversação entre duas ou mais pessoas;



- **Procedural** – dá instruções para executar uma atividade ou usar algum objeto.

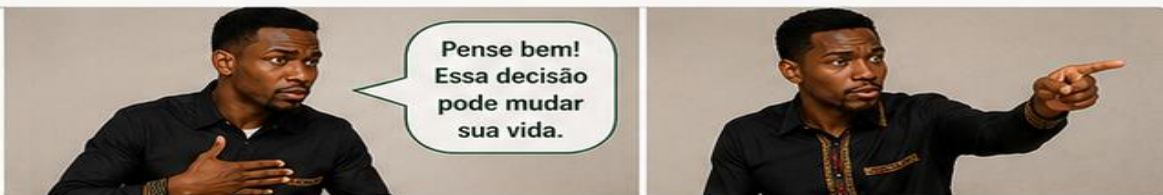
NARRATIVO

Reconta uma série de eventos ordenados mais ou menos de forma cronológica.



PERSUASIVO

Objetiva influenciar a conduta de alguém.



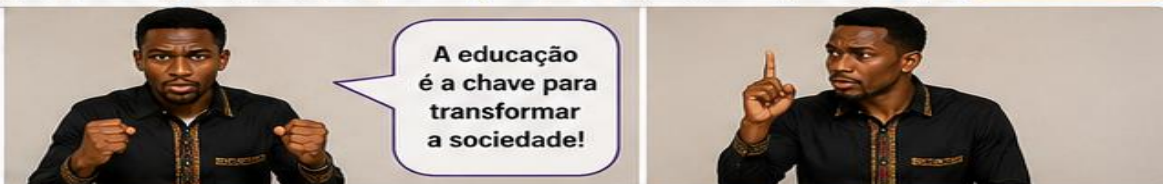
EXPLICATIVO

Oferece informações requeridas em determinado contexto.



ARGUMENTATIVO

Objetiva provar alguma coisa para a audiência.



CONVENCIONAL

Envolve a conversação entre duas ou mais pessoas.



PROCEDURAL

Dá instruções para executar uma atividade ou usar algum objeto.



1 Abra a torneira.

2 Molhe as mãos.

3 Coloque sabão.

4 Esfregue bem as mãos.

5 Enxágue bem.

6 Seque as mãos.



Reconhecer os tipos de discurso é fundamental para que o intérprete compreenda o **objetivo comunicativo** do orador e faça escolhas linguísticas adequadas à situação.

TIPOS DE TRADUÇÃO

Roman Jakobson (1975)

✓ TRADUÇÃO INTRALINGUAL OU REFORMULAÇÃO:

interpretação que acontece dentro da mesma língua.

MESMA LÍNGUA

O aluno estudou bastante e conseguiu ser aprovado no exame.



Após muito estudo, o estudante foi aprovado na prova.

Reformulação do enunciado com outras palavras, mas dentro da mesma língua.

✓ TRADUÇÃO INTERLINGUAL:

interpretação que acontece de uma língua para outra língua.

LÍNGUA DE PARTIDA

A vida é curta, mas o conhecimento é infinito.



LÍNGUA DE CHEGADA

Life is short, but knowledge is infinite.



Interpretação de uma língua (português) para outra (inglês).

✓ TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA:

interpretação de signos verbais por meio de um sistema de signos não verbais.

TEXTO VERBAL (ORIGINAL)

O sol nasceu no horizonte, iluminando a cidade.



SISTEMA NÃO VERBAL (TRADUÇÃO)



Interpretação do texto verbal por meio de imagens (ou outro sistema não verbal, como desenho, música, gesto, expressão corporal etc.).



A TRADUÇÃO

A tradução é por definição **transcultural** e para além da língua, incluindo-a língua e cultura se acham intrinsecamente ligadas como mostra todo o discurso. Traduzir é **transfigurar** sentidos não mera translação, transferência no nível das palavras. Traduzir é uma **transfiguração** de sentidos meta em sentidos alvo.



TRADUZIR É TRANSCULTURAL

LÍNGUA E CULTURA
DE PARTIDA



“Ubuntu ngumuntu
ngabantu.”
(Provérbio africano)



LÍNGUA E CULTURA
DE CHEGADA



“Sou porque nós
somos.”
(Sentido transmitido
na cultura de chegada)



Traduzir é **transfigurar sentidos**, não é apenas **transferir palavras**.

TRADUÇÃO: MAIS QUE PALAVRAS, É SENTIDO + CULTURA + INTENÇÃO

TEXTO
ORIGINAL

Mensagem em um contexto
linguístico e cultural
específico.



COMPREENDER

Interpretar o sentido,
a intenção e o contexto
cultural.



TRANSFIGURAR

Recriar os sentidos
adequados à cultura
e à língua de chegada.



COMUNICAR

Transmitir a mensagem
de forma natural, clara e
culturalmente significativa.



TEXTO
TRADUZIDO

Mensagem recriada com
equivalência de sentido
na cultura de chegada.



TRADUÇÃO: LEITURA E ESCRITURA

- ❑ Traduzir implica assim uma **leitura** e **escritura** que
- ❑ (1) buscam ver o discurso em sua inserção na **cultura fonte**
- ❑ (2) buscam ver o discurso do ponto de vista da **cultura alvo** e
- a) Transpõem/transfiguram esse discurso no âmbito da cultura alvo – o que é específico da **tradução** (dentre todas as formas de leitura e escrita).

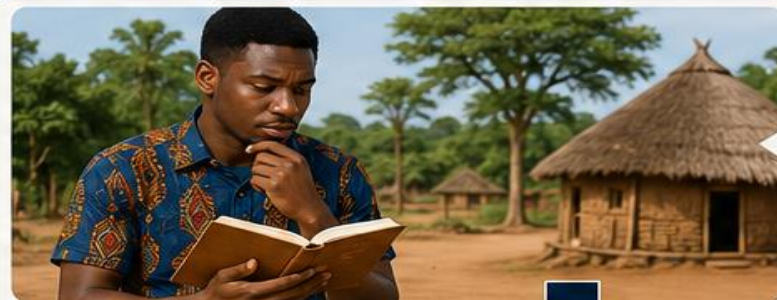


Traduzir é mais do que transferir palavras: é um processo de leitura profunda e escrita criativa, através do qual os sentidos são transfigurados para ganhar vida em outra cultura.



1

VER O DISCURSO EM SUA
INSERÇÃO NA **CULTURA FONTE**



Compreender o discurso a partir do contexto histórico, social, cultural e linguístico da cultura de origem.

2

VER O DISCURSO DO PONTO DE
VISTA DA **CULTURA ALVO**



Compreender como esse discurso será entendido, recebido e interpretado pelos membros da cultura de chegada.

a

TRANSPÕEM / TRANSFIGURAM ESSE DISCURSO
NO ÂMBITO DA **CULTURA ALVO**

DISCURSO
DA CULTURA
FONTE

TRANSPOR /
TRANSFIGURAR

DISCURSO
DA CULTURA
ALVO

Recrutar e expressar esse discurso de maneira significativa, adequada e natural na cultura de chegada.



A TRADUÇÃO É SEMPRE UM ATO DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO

A maneira pela qual um tradutor decide fazer uma tradução relaciona-se diretamente à maneira pela qual ele aborda esse texto (**subjetividade**), às suas **concepções teóricas** acerca da tradução e refletem uma **leitura**, um **significado** e um **valor atribuído** aos originais.

Nessa luta entre o texto original e o texto traduzido, o tradutor é **contaminado** pelo texto e este, pelo tradutor. Este por um lado, dá ao texto a **oportunidade de sobrevivência**, mas, por outro, “**contamina**” esse sobrevivente com sua leitura.

(Arrojo, 1993, p. 21-5).



Traduzir não é apenas transferir palavras,
é **reinterpretar sentidos e recriar significados.**





MODELO DIDÁTICO NA TRADUÇÃO

O processo tradutório envolve automatismos e reflexão.
O equilíbrio entre ambos determina a qualidade da tradução.



"Traduzir não é apenas transferir palavras, é transfigurar sentidos."
(Arrojo, 1993)



AUTOMATIZAÇÃO

Uma boa tradução não é necessariamente uma tradução rápida. Esse automatismo na tradução são extremamente resistentes a mudanças, resultando em traduções com características de fraca contextualização na situação de comunicação de chegada.



Rapidez ≠ Qualidade



Automatismo resistente à mudança



Fraca contextualização na situação de comunicação de chegada



Por não refletir sobre uma determinada Unidade Tradutória (UT), o tradutor comete um erro e não mais o corrige.

O QUE O TRADUTOR PRECISA DESENVOLVER



Competência Linguística

Domínio da língua de partida e da língua de chegada.



Competência Tradutória

Saber traduzir com estratégias, técnicas e criatividade.



Competência Cultural

Compreender contextos culturais para produzir sentidos adequados.

PROCESSO TRADUTÓRIO



1 UNIDADE TRADUTÓRIA (UT)

Trecho do texto de partida a ser traduzido.



2 BLOCO AUTOMÁTICO

Busca automática de correspondência (memória e hábitos de tradução).



NÃO ENCONTRA CORRESPONDÊNCIA AUTOMÁTICA



3 BLOCO REFLEXIVO

Reflexão, análise e tomada de decisão consciente.



4 DIFICULDADE

Falta de competência linguística ou tradutória para resolver a UT.



5 BLOQUEIO PROCESSUAL

O processo entra em um círculo vicioso: o tradutor fica "rodando em círculos" sem conseguir achar uma solução.



BLOQUEIO PROCESSUAL (AUTOMATIZAÇÃO VERSUS REFLEXÃO)

Quando o tradutor não encontra uma correspondência automática para uma determinada UT no Bloco Automático e ao mesmo tempo não consegue operar essa UT no Bloco Reflexivo – por falta de competência linguística ou tradutória.



O tradutor fica rodando em círculos sem conseguir achar uma solução adequada.



BOM TRADUTOR É:

- ✓ Observador do contexto
- ✓ Reflexivo e crítico
- ✓ Flexível e estratégico
- ✓ Sensível às culturas

TRADUZIR EXIGE EQUILÍBRIO ENTRE AUTOMATISMO TÉCNICO E REFLEXÃO CRÍTICA.



TRADUZIR É
TRANSFIGURAR
SENTIDOS.



APOIO NO PROCESSO TRADUTÓRIO

Quando o tradutor enfrenta um problema e não encontra de imediato uma solução...



APOIO EXTERNO

Sem conseguir uma solução para o problema gerado no decorrer do processo tradutório, o tradutor passa a utilizar-se de **fontes de apoio externo**, tais como o colega de apoio, dicionários, sites, glossários etc.

EXEMPLOS DE FONTES DE APOIO EXTERNO



Colega de apoio

Consulta e troca de informações com outros tradutores.



Dicionários

Consulta de significados, definições e equivalências.



Sites e recursos online

Pesquisa em sites especializados, corpora, fóruns e bases de dados.



Glossários e terminologias

Consulta de termos técnicos e listas terminológicas.



APOIO INTERNO

Ocorre quando o tradutor **recupera informações** previamente armazenadas na memória ou utilizar-se de **processos inferenciais** para chegar a uma decisão de tradução.



O Apoio Interno tem como base o processamento de conhecimentos já disponíveis, ou apresentados durante a tradução, que se apoiam em toda a bagagem de conhecimentos do tradutor.

FUNDAMENTOS DO APOIO INTERNO



Jogos de sinais

Repertório linguístico e experiências adquiridas.



Imaginação

Capacidade de criar estratégias e caminhos para a solução.



Inspiração

Momentos criativos que ajudam a encontrar soluções.



Intuição

Percepções rápidas baseadas na experiência.



IMPORTANTE:

O tradutor competente sabe quando e como utilizar cada tipo de apoio, combinando-os de forma equilibrada para chegar à melhor solução.



TRADUZIR É TOMAR DECISÕES.

Apoios diferentes, um mesmo objetivo: produzir uma tradução de qualidade!



OBJETIVO FINAL

Garantir que a tradução seja precisa, adequada e faça sentido no contexto de chegada.



APOIO NO PROCESSO TRADUTÓRIO

O tradutor combina estratégias internas e externas para avançar e aperfeiçoar sua tradução.



COMBINAÇÕES DE APOIO EXTERNO E INTERNO

Geralmente um problema de tradução exige **combinações de apoio externo e interno** para sua solução. Por meio da própria experiência, o tradutor aprende a reconhecer quando uma destas fontes de apoio se esgotou e passa, então, a utilizar, alternativamente, os recursos de um outro tipo de processamento cognitivo.

APOIO EXTERNO

Busca em fontes externas de informação.

-  Colega de apoio
-  Dicionários
-  Sites e bases especializadas
-  Glossários e terminologias
-  Entre outros

ALTERNÂNCIA
RECURSIVA



USO PARALELO

APOIO INTERNO

Recuperação e processamento de conhecimentos internos.

-  Memória de longo prazo (conhecimentos armazenados)
-  Processos inferenciais para chegar à decisão
-  Jogos de sinais, imaginação, inspiração e intuições
-  Experiências e bagagem cultural do tradutor



Assim, é possível **alternar recursivamente** entre esses dois tipos de apoio e utiliza-los **paralelamente** para dar continuidade ao processo tradutório.



APERFEIÇOAMENTO DO TEXTO DE CHEGADA

Prevê a possibilidade do tradutor **revisar** todo o processo tradutório, reiniciando a tradução, se assim o desejar ou, simplesmente, **aperfeiçoando** as **Uts** que ainda considera insatisfatórias.

ETAPAS DO APERFEIÇOAMENTO

1



REVISÃO GLOBAL

Leitura atenta de todo o texto de chegada para avaliação geral.

2



IDENTIFICAÇÃO DE PONTOS CRÍTICOS

Localização de trechos, termos ou estruturas que ainda não atendem ao objetivo.

3



REVISÃO OU REINÍCIO

Revisar trechos específicos ou, se necessário, reiniciar a tradução.

4



APERFEIÇOAMENTO

Ajustar escolhas lexicais, gramaticais, estilísticas e culturais para maior qualidade.

5



VALIDAÇÃO FINAL

Nova leitura para confirmar se o texto cumpre seu propósito e é adequado ao contexto.



O objetivo é produzir um texto de chegada **claro, coerente, natural e fiel** ao propósito comunicativo.



Traduzir é um processo **dinâmico, estratégico e contínuo**, que envolve decisões, consultas, intuições e revisões até alcançar a melhor solução possível.



A qualidade da tradução nasce do equilíbrio entre conhecimento, experiência e reflexão.



MAPA TRADUTÓRIO

ESQUEMA DE TRADUÇÃO PRÉVIA PARA INTÉRPRETES DE LÍNGUAS DE SINAIS/GESTUAIS



O **Mapa Tradutório** é um esquema de preparação prévia que permite ao intérprete **antecipar conteúdos, identificar desafios, definir estratégias e tomar decisões** antes da interpretação. É uma rota mental e estratégica que orienta o desempenho interpretativo com maior segurança, precisão e naturalidade.

ELEMENTOS DO MAPA TRADUTÓRIO

-  **1. ANÁLISE DO CONTEXTO COMUNICATIVO**
 - Quem fala? • Para quem? • Qual o objetivo? • Qual o ambiente?
-  **2. LEVANTAMENTO TERMINOLÓGICO**
 - Vocabulário técnico/especializado • Sinais-termo • Lacunas • Neologismos
-  **3. ASPECTOS CULTURAIS E PRAGMÁTICOS**
 - Expressões idiomáticas • Referências culturais • Humor, ironia, implícitos
-  **4. ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS**
 - Paráfrase • Explicitação • Omissão estratégica • Reformulação • Datilologia
-  **5. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL-DISCURSIVA (LÍNGUAS DE SINAIS)**
 - Referenciação espacial • Role shift • Marcadores discursivos • Coesão
-  **6. GESTÃO DE DIFICULDADES PREVISÍVEIS**
 - Velocidade do orador • Sobrecarga informacional • Ambiguidade • Falhas técnicas
-  **7. COORDENAÇÃO DA EQUIPE (QUANDO HOUVER)**
 - Turnos • Apoio terminológico • Sinais de suporte entre intérpretes

FLUXO DO MAPA TRADUTÓRIO



Retroalimentação
e ajustes
contínuos



Improvisar na interpretação começa muito antes do evento; preparar-se é o que transforma imprevisto em competência.



TRIDIMENSIONALIDADE

O uso do espaço tridimensional enriquece a comunicação e dá vida à informação.



1

USO DO ESPAÇO PARA:



Mapear a relação espacial entre os componentes da frase.



Enriquecer a descrição visual dando detalhes para criar uma imagem na mente do interlocutor.



Representar pessoas (anaforismo), lugares, coisas.

EXEMPLO

“O menino entregou o livro para a professora na sala”.



O espaço em frente ao sinalizador é organizado para representar os participantes e o cenário da ação.

2

O ESPAÇO É TRABALHADO ATRAVÉS DE:



VERBOS DIRECIONAIS

Indicam direção, movimento e localização no espaço.



OLHAR (PANTOMIMA)

O olhar indica referentes, mantém referência espacial e expressa papéis.



APONTAR (DÊITICOS)

Indica pessoas, objetos, lugares e ideias no espaço.



MANIPULAÇÃO DE CLASSIFICADORES

Representa objetos, formas, movimentos e interações.



3

A TRIDIMENSIONALIDADE PERMITE A APRESENTAÇÃO DE INFORMAÇÃO DESDE VÁRIAS PERSPECTIVAS:



Uma recriação do espaço em miniatura e em tamanho real.



Uso do espaço comum, e a representação dos vários sujeitos e objetos,



Assumindo os papéis de cada um com diálogo e ação informados.



A tridimensionalidade dá **profundidade** à mensagem, tornando a comunicação mais clara, natural e eficiente.

BENEFÍCIOS

- ✓ Clareza na organização das ideias
- ✓ Maior envolvimento do interlocutor



- ✓ Memória visual fortalecida
- ✓ Comunicação mais rica e expressiva



O espaço é mais do que um cenário: é **parte ativa da mensagem**.



REFERÊNCIAS

- 1 AMORIM, Laura Maria. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- 2 BASSNETT, Susan. *Estudos da tradução*. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- 3 BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.
- 4 JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, _____. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. (p. 118–32).
- 5 PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- 6 SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- 7 SANTANA, Neemias G. *Tradução de Músicas: Processos Tradutórios e Interpretativos na Manifestação Entre Efeitos de Modalidade Português – LIBRAS*. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2019.
- 8 RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e Diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- 9 RODRIGUES, Carlos Henrique. *Efeitos de modalidade no processo de interpretação simultânea para a Língua de Sinais Brasileira*. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].



CONTATO:

• EMAIL:



miasunb@gmail.com



INSTAGRAM:
@miasunb



YOUTUBE:
Neemias Santana



“ Traduzir é *construir pontes* entre línguas, culturas e mundos. ”





Universidade de Brasília – UnB
Formação de Intérpretes de
Línguas de Sinais/Gestuais

CURSO DE FORMAÇÃO PARA
INTÉRPRETES DE LÍNGUAS DE SINAIS/GESTUAIS
ANGOLA



CHEGOU A HORA DA PRÁTICA!



Tudo o que estudamos até aqui vai ganhar vida.
Agora é o momento de aplicar, experimentar e crescer!

VAMOS PRATICAR:



INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTO

Situações reais e
simuladas



TRABALHO EM EQUIPA

Colaboração e
apoio mútuo



FEEDBACK CONSTRUTIVO

Para refletir,
ajustar e evoluir



DESAFIOS LINGÜÍSTICOS

Tomada de decisão
em tempo real



CRESCIMENTO CONTÍNUO

Cada prática é um
passo à frente



Na prática, transformamos
conhecimento em competência
e comunicação em conexão.



VOCÊ ESTÁ PREPARADO. CONFIE NO SEU PROCESSO.
BORA PRATICAR!



*Comunicar com excelência
é transformar vidas!*